

UNIÃO DAS FREGUESIAS DE ALDEIA DE PAIO PIRES, ARRENTELA E SEIXAL – *Um divórcio anunciado.*

Carlos Ribeiro

Como sabem não sou jurista, economista, financeiro ou gestor da res-pública.

Não estou vocacionado para discutir política ou reorganização administrativa do país. Outros o farão, dando nota do seu profundo conhecimento nessas matérias.

Quero fazer parte desta discussão pública como Seixaleiro, ligado a este concelho por laços familiares, sociais, profissionais e culturais.

Nasci no Seixal, frequentei a Escola de Conde de Ferreira, vivi desde então em todas as 4 freguesias antigas do nosso concelho (Seixal, Aldeia de Paio Pires, Amora e há 46 anos em Arrentela).

Fiz clínica durante mais de 30 anos neste espaço maravilhoso onde vale a pena viver.

Tenho como antepassados:

Do lado Paterno – sou filho de corticeiro, neto de pescador, bisneto de moleiro, todos naturais do Seixal.

Do lado Materno – Minha mãe, meus avós, meus bisavós eram pequenos proprietários rurais, todos naturais de Aldeia de Paio Pires.

Partilhei com os meus conterrâneos grande parte da história do século XX deste concelho e soube por transmissão oral informações directas, de como aqui se vivia no século XIX.

Professor Catedrático de Cardiologia Aposentado da Faculdade de Medicina de Lisboa

Sinto-me pois à vontade, para vos falar em nome do Homem da Rua, das mulheres e dos homens obreiros que demarcaram as nossas freguesias e o nosso concelho, que o fizeram crescer, que o caracterizaram etnograficamente, que o desenvolveram social e culturalmente.

Mulheres e Homens que aqui nasceram, viveram e morreram numa sociedade feita à medida dos seus esforços, das suas capacidades, dos seus desejos e dos seus sonhos.

Falemos pois da TERRA e dos HABITANTES desta zona onde se implantou o concelho do Seixal.

A TERRA

Há 2 ou 3 milhões de anos o Antigo Tejo corria no sentido oeste-sudoeste, ou seja, na direcção da Lagoa de Albufeira, onde teria a sua foz.

O rio deveria ser muito largo e cobriria a região que vai de Almada a Azeitão.

Por isso, por todo o concelho abundam seixos, calhaus rolados provenientes dos aluviões do rio Tejo.

O homem pré-histórico, que aqui viveu no Paleolítico, utilizou estes seixos para construir os seus instrumentos de trabalho, de caça, de pesca e de luta.

Actualmente, encontram-se ainda muitos seixos nas praias do Seixal, na Seixeira na Aldeia de Paio Pires, no Alto da Cascalheira em Arrentela e em muitos outros locais do concelho. Os seixos eram utilizados pelos pescadores para lastro das embarcações e para equilibradores das redes de pesca.

O nome da povoação – Seixal, deriva precisamente de seixos.

Dos primitivos pequenos núcleos populacionais que se foram implantando, logo sobressairam pela sua importância os povoados, que originariam futuramente as freguesias de AMORA e de ARRENTELA.

A freguesia de ARRENTELA

A freguesia de Arrentela é pois muito antiga. Enorme em extensão, rica em história, com o seu núcleo populacional desenvolvido em redor da sua Igreja centenária, hoje monumento nacional, com frente ribeirinha, que convidava à pesca, à marinhagem, à construção e reparação naval.

Os seus habitantes foram protagonistas nos Descobrimentos portugueses, quer na construção e reparação das naus, quer como marinheiros embarcados.

Paulo da Gama viveu na Quinta da Fidalga em Arrentela, vigiando a construção das naus nos estaleiros desta povoação e nos da Ribeira das Naus em Coina.

A parte restante da freguesia, zona de altitude superior, afastada do Tejo, era fundamentalmente agrícola, preenchida por quintas, onde se exploravam os produtos hortícolas e se colhiam frutas e cereais. O vinho, o azeite, as madeiras eram também riquezas desta terra.

Nesta grande freguesia havia como que duas populações, uma ligada ao Tejo, outra à lavoura.

Mais tarde, no reinado de D. Carlos I, surge a fábrica dos Lanifícios de Arrentela que individualiza uma população operária.

A freguesia do SEIXAL

O Seixal teve a sua origem num pequeno núcleo de pescadores, que construíram as suas barracas na região hoje designada por Barroca.

O seu desenvolvimento posterior muito rápido e sustentado ficou a dever-se às condições naturais da sua baía.

A baía do Seixal, de águas calmas, “onde invernam muitos barcos” (Gaspar Frutuoso), facilmente foi eleita como cais de embarque de pessoas com destino a Lisboa e escoamento de mercadorias provenientes do concelho e dos povoados vizinhos, nomeadamente de Azeitão e de Sesimbra.

Tal como acontece com o vinho, dito do Porto, também alguns autores, entre os quais Gil Vicente, Garcia de Resende e Gaspar Frutuoso se referiam ao vinho do Seixal, como sendo o melhor vinho do reino, embora fosse produzido nas freguesias vizinhas.

No século XV o Seixal era pois um pequeno lugar habitado por pescadores, marinheiros, moleiros, calafates, carpinteiros de machado e construtores e reparadores navais, tudo gente ligada às artes marítimas e fundamentalmente dependentes do Tejo.

O rei D. Manuel I, quando de uma visita à Ribeira da Naus em Coina embarcou para Lisboa no cais do Seixal. Ficou encantado com o local, mandando que de então em diante tal sítio se designasse Vila Nova do Seixal.

Mas verdadeiramente só em 1734, dado o seu desenvolvimento económico-social foi criada a freguesia do Seixal, quando o primeiro Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Tomaz de Almeida, eleva a igreja, construída em dois anos (1726-28) com o dinheiro dos pescadores, a Igreja paroquial e a retira da influência do pároco de Arrentela. Só mais tarde em reacção às leis centralizadoras de Mouzinho da Silveira, eclodiu a revolução Setembrista, publicando-se em seguida o primeiro código administrativo com carácter descentralizador. Estávamos no reinado de D. Maria II, fundando-se então o concelho do Seixal, em 6.11.1836.

O Seixal é finalmente elevado a cidade em 1993.

Concluimos dizendo, que a afirmação de Frei Agostinho de Santa Maria em 1725, de que no Seixal “quase todos os seus habitantes são marítimos e pescadores” continuou válida durante todo o século XIX e até parte do século XX, quando a industrialização surgiu, com a criação da fábrica de conserva de peixe e da seca do bacalhau, explodindo com a implantação das corticeiras, Mundet (1906) e Wicander (1913). O associativismo foi a razão da fundação da Cooperativa Operária de Consumo 31 de Janeiro de 1906, nas peugadas do ideário de António Sérgio.

O progresso económico, social, cultural da freguesia do Seixal foi notável com a sua industrialização.

A freguesia de ALDEIA DE PAIO PIRES

Diz-se que a freguesia de Aldeia de Paio-Pires foi fundada por D. Paio Peres Correia, que aqui teria combatido os mouros e onde os seus marinheiros e homens de armas se acolheram para responderem com prontidão ao grito de que “Há mouros na costa”. Com o desaparecimento da moirama o povoado transformou-se num local de labor ligado à agricultura, de onde a população retirava produtos das hortas, mas também frutas, cereais e lenha. A pasturícia, o leite, o azeite, a moagem, bem como a indústria da cal e posteriormente a de farinha de peixe foram motores económicos da região, só suplantados na 2ª metade do século XX com a implantação da Siderurgia Nacional.

Havia, pois, no século XVIII e XIX um aglomerado de casas, onde continuava a viver uma população dedicada à agricultura, que seria o núcleo base da futura freguesia de Aldeia de Paio-Pires.

Era prática comum, ao domingo, os seus habitantes, dirigirem-se à Igreja de Arrentela para assistirem à missa.

Nos invernos mais agrestes, os residentes na Aldeia de Paio Pires começaram a considerar difícil essas idas semanais à Igreja de Arrentela. Decidiram, então, construir a sua própria capela, mas tiveram dificuldade em criar uma nova paróquia e em obter a nomeação de um pároco para seu mentor e responsável espiritual. Viviam-se tempos difíceis, com as invasões francesas e com o rei D. João VI exilado no Brasil. Não se conseguia obter em Lisboa autorização para a fundação da paróquia de Aldeia de Paio Pires, independente da de Arrentela, apesar de todos os esforços.

Então foi decidido custear a ida de dois homens bons de Paio Pires ao Brasil, arrostando difícil, demorada e perigosa viagem marítima, para pedir ao rei D. João VI mercê para a instalação da nova paróquia e conseqüentemente da freguesia, independente da de Arrentela. O rei diz-se, que com muito agrado, aquiesceu ao pedido.

Chamo a atenção para o que representa tal acto, que atesta o desejo premente deste colectivo de Homens e de Mulheres de transformarem o seu espaço numa comunidade livre e independente.

Hoje estamos aqui para constatar que se pretende traír e esbugalhar o sonho destes Homens.

Em conclusão

Arrentela

Seixal

Aldeia de Paio Pires

São comunidades individualizadas desde início pelas suas características humanas, tendo lutado e mantido forte desejo, ao longo dos tempos, de independência em relação aos vizinhos. Também do ponto de vista ambiental existe grande diferença entre os territórios junto do Tejo, mais frios, ventosos e húmidos, e, os do interior de clima mais quente e ameno.

Estas freguesias nascidas em volta das suas Igrejas cedo se evidenciaram no seu associativismo, com a criação das suas Sociedades Filarmónicas – verdadeiras universidades populares, do seu Clube Desportivo, particularmente de futebol, da sua Escola, da sua festa anual, muito ligada às suas tradições, dos seus parques públicos, do seu cemitério, de um comércio diversificado e dos serviços indispensáveis à comunidade, particularmente a sua Junta de Freguesia, apoio de proximidade para todos os cidadãos.

Insisto serem as duas comunidades, a do Seixal e a de Aldeia de Paio Pires muito diferentes. Em Arrentela direi que existiam dois grupos sociais compatíveis mas não sobreponíveis, muito ligados por enlaces matrimoniais.

Seixal – Comunidade Piscatória

Sabe-se que o Pescador

- Dorme muitas vezes fora de casa;
- Trabalha em grupo e longe da terra;
- O êxito de pesca estava dependente das condições climáticas. Necessita de vento, mas adequado à sua “praxis”. “Tá Norte” era a informação aguardada;
- Durante o inverno era frequentemente atingido por períodos de fome;

- O armazenamento do peixe para consumo em momentos de carência não era viável;
- Comiam, quando havia, peixe fresco. A caldeirada era o seu prato preferido em refeições regadas com um bom “palheto” e terminadas com a sopinha de massa feita com o caldo da caldeirada;
- Os resultados de cada safra eram colocados num “bolo” comum, dividido pela “Companha”, quando chegados a terra;
Depois, ainda repartiam o seu parco quinhão por familiares e amigos;
- Acreditavam na solidariedade e praticavam o associativismo. Fundaram a Associação dos Pescadores do Seixal de Alto Mar em 1896, a primeira Caixa de Previdência portuguesa. Em 1937, passou a designar-se por Casa dos Pescadores do Seixal;
- No exercício profissional correm frequentemente riscos de vida, pois os naufrágios não são raros;
- Retiram um rendimento baixo da sua profissão, agravado por se tratar de um trabalho precário;
- Evocam frequentemente na faina marítima S. Pedro, seu colega de profissão, a quem dedicam a sua festa anual, que subsidiam;
- Se a “língua é a nossa pátria” como dizia Pessoa, a comunidade seixaleira deve ser considerada independente, ao verificar-se que o seu sotaque é típico e exclusivo.

Atente-se que na **Aldeia de Paio Pires** a população continua a ser fundamentalmente agrícola.

Sabe-se que o Agricultor

- Não se desloca da sua terra;
- Dorme na sua cama todas as noites;
- Trabalha individualmente, a maioria das vezes;
- As colheitas são sujeitas à meteorologia, dependentes fundamentalmente da chuva;
- Desejam sol na eira e chuva no nabal. O vento é um inimigo temido;
- Armazena os produtos que obtém. Raramente há períodos de fome;
- É mais individualista, menos associativista;
- Tem uma vida com menos riscos;
- Tem poucos rendimentos mas mais programáveis;
- Comiam habitualmente os produtos da terra, numa alimentação vegetariana saudável. Os galináceos eram eleitos para os dias festivos e a matança do porco implicava reunião festiva na companhia de familiares e amigos. A abertura do vinho novo e a prova da água pé com castanhas, ocorria geralmente na época de S. Martinho.
- A caça era para muitos o seu desporto preferido.

Em conclusão:

Demonstrei que são grandes as diferenças sociológicas, culturais e etnográficas entre as comunidades do Seixal e de Aldeia de Paio-Pires.

Em Arrentela direi que existiam dois grupos sociais, compatíveis, mas não sobreponíveis, um mais próximo dos seixaleiros, outro da população de Aldeia de Paio-Pires. Essa dicotomia, sendo evidente,

era atenuada pela frequência de casamentos entre os seus membros.

Notar que os habitantes destas três freguesias exacerbavam o seu bairrismo aquando de disputas desportivas, culturais ou sociais.

Da análise destes dados salta à vista que o trabalho e o ambiente familiar e social moldam as pessoas – “*Somos nós e as nossas circunstâncias*” (Ortega y Gasset) – marca o corpo e o espírito, condicionando a nossa forma de ser e de estar.

Lembrar, ainda, que o Seixaleiro via Lisboa, o que o obrigava a desejar uma vida melhor. Arquitectava partir e trabalhar na capital. Sabemos que a vida é feita à medida dos nossos sonhos, por isso era dado ao empreendedorismo. Essa saída da terra fazia-se através da aprendizagem da música, com ingresso posterior em Bandas Militares e depois nas Orquestras de música ligeira ou clássica. A melhoria da instrução facilitava-lhe o acesso aos escritórios e ao comércio da Baixa de Lisboa.

A aquisição desses conhecimentos era realizada nas Filarmónicas da terra, verdadeiras universidades populares.

Na Aldeia de Paio Pires os seus habitantes não vêem Lisboa. Os lisboetas, pelo contrário, procuram-nos no verão, quando elegiam essa freguesia como terra de vilegiatura. Tal facto representa um convite para ficar, tendência para uma atitude conservadora, não lhe criando a angústia do desconhecido e a necessidade de partir. Não admira que fossem mais tardios em deixar o ideário Miguelista ou em aderir à República.

A industrialização do concelho nas décadas de 20-60 do século passado e as facilidades nas comunicações, acrescido do “boom” na construção civil nas décadas de 70-90, com protagonismo de uma empresa de Seixaleiros, a A. Silva e Silva, trouxeram uma subida exponencial da população com a chegada particularmente de casais jovens, nacionais e estrangeiros, de identidade social, económica e cultural heterogénea, que se instalaram em casas recém-construídas na periferia das zonas históricas das freguesias.

Todavia, nos núcleos históricos das três freguesias continuou a viver uma população, cujas características e as formas de estar não se afastam das apontadas anteriormente.

ATENÇÃO

O cérebro é um órgão de sobrevivência. Não foi criado para primordialmente originar filósofos, poetas, políticos, pensadores... Todo o nosso sistema nervoso se desenvolve com um único objectivo: manter as nossas vidas e perpetuar a nossa espécie.

Um animal julgando-se em perigo de vida torna-se agressivo. Os animais verificaram que se viviam em grupo (família, comunidade) montavam mais facilmente a sua defesa. Mas atenção, tornam-se mais agressivos, se são atacados na sua toca, na sua casa, ou no seu espaço comunitário, cujas as fronteiras marcam com urina.

O animal homem reage da mesma forma que os restantes animais. Só que a sociedade lhe impôs regras morais para restringir as suas pulsões primárias.

Estamos pois sujeitos àquilo a que os franceses Freudianos chamam o “sur-moi”, espécie de tampa de panela de pressão, que impede a libertação das nossas emoções primárias – para defesa da vida e manutenção da espécie.

Quando a sociedade passa por um período de carências alimentares graves, que põem em risco a vida dos cidadãos e da sua descendência, se sobem as rendas de casa e o IMI, se as fronteiras da sua habitual comunidade se apagam, então atenção:

- Estamos a criar uma situação social grave, capaz de alterar o comportamento habitual das populações.

Surge nuns a **raiva contida**, precursora de enfarte do miocárdio e de muitas outras doenças psicossomáticas, mas também a hipóteses de **rebelião** social se o “sur-moi” se enfraquece..
Surge noutros a **angústia** e a **depressão**, com todo o cortejo de sintomas psiquiátricos que podem acabar no suicídio.

Logo, abordar certas temáticas sem ouvir médicos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, historiadores é, em muitos casos, uma forma de criar problemas graves de saúde pública e riscos acrescidos de revoltas sociais.

A humanidade está entregue a financeiros, economistas, estatísticas, políticos para quem o homem é um mero algarismo.

Esta escrita pretende apenas chamar a atenção para o facto desta proposta estrutural incoerente agredir a forma de estar e de ser destas populações com características gregárias bem definidas, com vivências adesivas, experimentadas ao longo das várias gerações.

Preocupa-me particularmente a geração de idosos que vive nos núcleos históricos das nossas freguesias, a quem vão roubar um apoio de proximidade, que só o pessoal das Juntas de Freguesia lhes pode proporcionar.

E que fazem as Juntas de Freguesia?

Todas as chamadas pequenas coisas, que as outras Instituições (Governo, Autarquias) não podem ou não querem fazer.

São pequenas coisas no papel, mas que para o munícipe, naquele momento, são problemas “major”.

A torneira que pinga, o telhado que tem uma telha quebrada, a lâmpada que se fundiu, o passeio que está perigoso, a dificuldade da ida ao médico ou em comprar medicamentos, a aquisição da canadiana, a comida que falta, o cão do vizinho que não nos deixa dormir, as instituições de solidariedade social que necessitam de apoio...

Pequenos problemas que farão rir os burocratas de Bruxelas ou do Terreiro do Paço...

Mas, problemas, que não poderão ser resolvidos por uma entidade que vai superintender a 45.000 habitantes,

Como apoiar?

- 5 mercados
- 3 cemitérios
- 7 jardins de infância
- 10 escolas do 1º ciclo do ensino básico

- 3 escolas dos 2º e 3º ciclos do ensino básico
- 2 escolas do ensino secundário
- 1 Universidade Sénior
- 16 equipamentos sociais
- 3 equipamentos de saúde
- 13 equipamentos culturais
- 44 equipamentos desportivos
- 38 colectividades (sendo 4 delas centenárias)
- 22 parques infantis
- extensas áreas ajardinadas
- dezenas de quilómetros de passeios
- extensas áreas de desmatação periódica
- 3 festas populares muito antigas e distintas nos seus programas e nos seus objectivos.

A festa de Arrentela realiza-se anualmente no dia 1 de Novembro, assinalando o “milagre” ocorrido aquando do terramoto de 1755, seguido em Arrentela de um maremoto, que só terminou na presença do andor da Virgem, que um grupo de arrentelenses teria ido buscar à Igreja. A festa que tem a participação da Banda da Sociedade Filarmónica União Arrentelense é fundamentalmente religiosa.

A festa anual do Seixal em honra de S.Pedro, padroeiro dos pescadores, consta de missa solene, procissão percorrendo as ruas da povoação, benção no cais aos barcos e aos pescadores. Do programa fazem parte Concertos dados pelas Sociedades Timbre Seixalense e União Seixalense e por outras Bandas Filarmónicas convidadas, bailes, diversões várias e regatas na baía do Seixal.

A festa anual de Aldeia de Paio Pires, no primeiro domingo de Agosto, é realizada em honra de Nossa Senhora da Anunciada, com missa solene, procissão religiosa, que percorre toda a freguesia, Concertos pela Sociedade Filarmónica 5 de Outubro de Aldeia de Paio-Pires e por outras bandas convidadas, bailes, diversões várias, não faltando as cavalhadas, as burricadas e uma tarde de touros, com largada e espectáculo na praça.

É interessante como a tradição traduz, até nas festividades, o cunho bairrista destas três comunidades.

Finalmente questiono os responsáveis por este atropelo social:

- Que contacto personalizado poderá existir numa entidade que passará a gerir/colaborar/auxiliar/apoiar 45.000 habitantes?

Tal será o volume e a responsabilidade de acção da futura Junta de Freguesia !

Peço aos legisladores que façam um pequeno exercício. Perguntem aos habitantes destas 3 freguesias, se também querem unificar a sua Igreja, as suas Filarmónicas, o seu Clube de Futebol, a sua Escola, o seu Posto de Saúde, o seu cemitério, a sua festa anual...

Tirem as conclusões adequadas às respostas que receberão!

Agora em desabafo:

Ainda bem que o meu cartão de identidade é vitalício, assim estou felizmente impedido de ser natural da União de freguesias de Aldeia de Paio Pires – Arrentela – Seixal.

Mas atenção

Em **1895** houve a extinção do concelho do Seixal, com João Franco, como Ministro do reino.

Então, Amora e Corroios passaram para o Concelho de Almada. Seixal, Arrentela, e Aldeia de Paio Pires para o do Barreiro.

Mas em 1898, 3 anos volvidos, surge a Restauração do Concelho do Seixal, como se previa.

Dado este exemplo,

ACREDITO

Que esta União a realizar-se tem em si todos os motivos para um divórcio anunciado e a curto prazo. Assim seja...